Relatório O Ninho: intervenção humanista, solidária e democrática no mundo da prostituição.

Autora: Inês Fontinha

(Diretora de O Ninho, de 1975 a 2014)

O que fazemos
Como fazemos

"Presas na servidão da prostituição mulheres e crianças aguardam a sua libertação. Este combate é tão necessário quanto a luta contra o racismo e o tráfico de estupefacientes. Deve ser levada a cabo pela comunidade internacional com a mesma eficácia e perseverança "

Jean Fernand Laurent, ONU, 1983

"Todos os seres Humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para os outros em espírito de fraternidade".
Declaração Universal dos Direitos do Homem (Artigo primeiro)

"Explorar o corpo, reduzi-lo a objeto, é a negação da liberdade. Todos os seres humanos querem amar e ser amados, dar-se e não vender-se. Por isso pensar que a prostituição existiu, existe e existirá sempre é negar ao ser humano os seus direitos, é negar a dignidade, é desacreditar a possibilidade da liberdade existir."
Resolução da ONU, 1983

1. O Ninho: Identidade-História-Ação

O Ninho é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem por objetivo a promoção humana e social de mulheres vítimas de prostituição. Foi fundado em Portugal em 1967 seguindo o modelo de O Ninho Francês criado em Paris pelo Padre André Marie Talvas, em 1936. A história de O Ninho insere-se assim na história do trabalho de colaboração entre os Movimentos do Ninho da França, da Bélgica (1980), do Brasil e de outras organizações e movimentos que trabalham diretamente com pessoas prostituídas.

O Ninho nasce a partir das necessidades sentidas pelas mulheres prostituídas e estrutura uma metodologia de intervenção que se vai adequando às realidades.Conhecer o meio prostitucional e os seus agentes foi o início de uma intervenção inovadora que na década de sessenta, poucas pessoas compreendiam. O Ninho ao longo dos anos, tem tido uma intervenção séria e coerente na denúncia da prostituição. Na denúncia das suas causas e consequências. Parte do conhecimento adquirido ao longo de 40 anos de trabalho direto com pessoas prostituídas e da troca de experiências com organizações congéneres da Europa e do Brasil.

O que faz *O Ninho*

(acompanhamento social das mulheres)

O Ninho faz o acompanhamento social das mulheres e seus agregados familiares, que buscam caminhos de mudança e que se traduz num processo metodológico de uma relação contratual, que exige uma relação de proximidade e uma relação afetiva (envolvimento emocional controlado) entre os técnicos de O Ninho e as mulheres prostituídas. O acompanhamento assenta em três dimensões, três competências de prática profissional:

- o conhecimento da situação social tal como é “vivida” pelas mulheres sujeitos de direitos e de deveres.
- a compreensão e a aceitação como pessoa com dignidade inerente a todo o ser humano, tendo em conta os constrangimentos que sofreram no seu percurso de vida e que culminaram com o recrutamento para a prática de prostituição. Acreditar e fazê-las acreditar nas suas capacidades e potencialidades para a mudança. (empowerment).
- a construção de um projeto de vida em que as mulheres são co-agentes do processo.

Este acompanhamento começa desde o início do processo e exige por parte dos técnicos:

- disponibilidade
- ausência de preconceitos
- atitude de não julgamento e de não culpabilização
- relacionamento empático
- autoridade (assertividade / firmeza)
- empenhamento

- intenção autêntica de compreender o Outro na sua própria linguagem, de pensar e agir pelos seus próprios termos, de descobrir o seu universo subjetivo, isto é, de apreender as significações que a situação tem para o Outro porque cada pessoa é única e singular, como diz Carl Rogers.

O acompanhamento exige um conjunto de trabalhos específicos tendo em conta a globalidade e a complexidade do ser humano, por isso a intervenção centra-se na totalidade do indivíduo, isto é, em todas as vertentes da sua vida.

Promovemos reuniões entre as estagiárias com a presença dos técnicos, como facilitadores da comunicação, com diversos objetivos:

- gerir conflitos e mal entendidos;
- estimular a participação com respeito mútuo;
- promover a liberdade de opinião sobre a "vida institucional" e tomada de decisões;
- reforçar a cooperação;
- facilitar a expressão de sentimentos;
- organizar e programar atividades;
- estabelecer e discutir regras (são elaboradas pelas estagiárias podendo ser sujeitas a negociação e alteração);
- implicar cada membro do grupo no acolhimento de uma nova estagiária de modo a permitir o relacionamento positivo, para que se passe a sentir membro integrante do grupo, aceite por ele e que nas suas atitudes o tenha em conta.

Princípios, Valores e Medidas Políticas defendidas pelo O Ninho

Que a prostituição é uma violação dos Direitos Humanos, uma exploração que decorre das injustiças e desigualdades sociais (entre homens e mulheres, ricos e pobres, adultos e crianças)
Que não se combate a prostituição com medidas coercivas, mas por uma política social global, uma transformação das estruturas e uma mudança de mentalidades.
Que é uma empresa comercial gigantesca que despreza a dignidade humana em nome da rentabilidade financeira.
Que não se proíba a prostituição, mas sim que se reprima realmente o proxenetismo organizado.
Que legalizar a prostituição é legalizar máfias e organizações criminosas que traficam crianças jovens e mulheres tornando--as escravas dos tempos modernos, apoiando a violência institucionalizada pelo Estado tornando-o proxeneta pactuando com criminosos.

***O Ninho* defende:**

A não comercialização do corpo humano.

Neste tempo de ideologia de mercado impõe-se a recusa de o ser humano ser reduzido ao estado de objeto sexual, de um utensílio à disposição do cliente, a mercadoria num mercado nacional e transnacional.

A comercialização dos órgãos é proibida por lei. O consentimento das pessoas não valida estes atos. O crescimento (boom) da prostituição, nova forma de pilhagem do 3º mundo e dos países de leste acompanhou a instauração de um liberalismo selvagem, do crescimento anárquico das cidades e da destruição das estruturas sociais, do tráfico das mulheres e das crianças.

O Ninho recusa uma luta contra a prostituição que vise apenas as crianças prostituídas. Sem dúvida que é urgente e necessária, mas é também urgente e necessário o combate à prostituição de pessoas adultas. Caso contrário legitima a prostituição e as crianças tornam-se maiores de idade e passam a fazer parte do sistema prostitucional descansando as consciências.

É urgente uma política global face à prostituição que tenha por base:
O respeito dos Direitos Humanos

Reconhecida pela ONU como “uma forma persistente de escravatura” a prostituição fere severamente e diariamente os direitos fundamentais da pessoa humana, especialmente os direitos à liberdade e integridade física e moral.

Pela experiência no terreno O Ninho sabe que a prostituição é uma das formas mais gritantes de violência exercida sobre seres humanos que cria traumatismos profundos e por vezes irreversíveis.

O Ninho apela a um compromisso político-social e cultural, uma frente comum de luta contra o sistema prostitucional, combatendo as suas causas e consequências. Rejeita a distinção entre uma prostituição “forçada” e uma prostituição “livre“, isto é uma má e uma boa prostituição. Esta distinção tem apenas por objetivo banalizar e legalizar a prostituição, dar-lhe uma “fachada” de dignidade e como consequência legitimar o proxenetismo. A aceitação e a banalização da prostituição constituem o fundamento da legalização. O desenvolvimento não se mede apenas pelo Produto Interno Bruto, mas fundamentalmente segundo os critérios do Programa para o Desenvolvimento Humano: nível de saúde, de educação, integração social das mulheres, cultura… Na altura em que as sociedades se batem pela paridade, pela representação social e política das mulheres, como resignar-se a acantoná-las na prostituição?

Pode-se ao mesmo tempo entrar no Parlamento e no Bordel?

É preciso trabalhar para fazer emergir novas mentalidades.

Educar as crianças no respeito pela igualdade dos sexos, no respeito pelo outro e por si próprio, no respeito pelo corpo. Comparar um ser humano a um utensílio de produção financeira, a

“uma força de trabalho” é reduzi-lo a um estado de não vida. É considerá-lo sem desejo. É privá-lo do futuro. O Ninho luta contra a legalização da prostituição, porque a legalização é contra a Declaração Universal dos Direitos Humanos, texto integrante da Constituição da República Portuguesa, e é a forma mais extrema de violência exercida sobre as mulheres, jovens e crianças.

O exercício da prostituição não é crime em Portugal.

A legalização da prostituição significa não a sua descriminalização (que já existe), mas a admissão da prostituição como profissão, implicando, por exemplo, o pagamento de impostos por parte das mulheres prostituídas. Desta solução decorrerá o reconhecimento da legalidade do proxenetismo, o que está em desacordo com a legislação portuguesa. E o Estado assumirá o papel de Estado proxeneta vivendo à custa de atividade ilegal: o proxenetismo, institucionalizando a forma mais atroz de violência exercida sobre as mulheres.

O Ninho deu o seu contributo para a despenalização da prostituição integrando um grupo de trabalho, nomeado pelo Conselho de Ministros, para realizar um relatório sobre prostituição, em 1979. Este relatório inspirou o legislador do Código Penal de 1982 que reflete o espírito da Convenção de 1949 para a Supressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Outrem.

Assim o Código Penal introduz em Portugal o sistema abolicionista, considerando a prostituição incompatível com a dignidade humana, pondo fim ao sistema proibicionista que vigorava até então.

O artigo nº 1 do Decreto-Lei 44579, de 19 de Setembro de 1962, que proibiu o exercício da prostituição, a partir de 1 de Janeiro de 1963 (até esta data a prostituição era legalizada e regulamentada), foi revogado pelo artigo 6º nº 2 do Decreto-Lei nº 400/82, de 23 de Setembro, decreto esse que aprovou o Código Penal, revisto pelo Decreto-Lei nº 48/95, de 15/03.

A Convenção para a Supressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Outrem, ratificada por Portugal em 1991, através do Decreto do Presidente da República nº 48/91, de 10 de Outubro e aprovada para ratificação pela Resolução da Assembleia da República nº 31/91, de 6 de Junho diz no preâmbulo: a prostituição e o mal que a acompanha, a saber, o tráfico de pessoas com vista à prostituição são incompatíveis com a dignidade e o valor da pessoa humana.

Nos termos dos artigos 1º e 2º da Convenção, os Estados (e concretamente Portugal) comprometem-se a punir não só toda a pessoa que para satisfazer as paixões de outrém:

- alicie, atraia ou desvie com vista à prostituição uma outra pessoa, mesmo com o acordo desta,
- explore a prostituição de outra, mesmo com o seu consentimento;

Como também toda a pessoa que

- detenha, dirija ou conscientemente financie ou contribua para o financiamento de uma casa de prostituição;
- dê ou tome conscientemente em locação, no todo ou em parte, um imóvel ou um outro local com a finalidade da prostituição de Outrem.

No artigo 6º impõe aos Estados o compromisso de tomar todas as medidas necessárias para revogar ou abolir a lei, regulamento ou prática administrativa, segundo os quais as pessoas que se dedicam ou se presume dedicarem-se à prostituição de serem inscritas em regimes especiais, possuir papéis especiais ou ficarem sujeitas a condições excecionais de vigilância ou de notificação.

Complementarmente, e de acordo com o art. 16º, os Estados assumem o compromisso de tomar ou e encorajar, através dos seus serviços sociais, económicos, de ensino, de higiene e de outros serviços similares, públicos ou privados, medidas destinadas a prevenir a prostituição e a assegurar a reeducação e a reintegração social das vítimas da prostituição e das infrações visadas pela Convenção.

Chama-se a atenção que o quadro normativo não permite a disponibilização de espaços para o exercício da prostituição, nem o registo das pessoas que a ela se dediquem, independentemente da finalidade visada.

A Plataforma de Pequim e o *Outcome Document* pronunciam-se no mesmo sentido.

Em 26 de Abril de 1997 o Governo português subscreveu em Haia a Declaração Ministerial sobre as linhas de atuação a nível europeu no sentido de adotar medidas para prevenir o tráfico de mulheres visando a exploração sexual.

A economia tornou-se global e as pessoas já não são recrutadas apenas na periferia das grandes cidades ou nas zonas pobres de Portugal. Já não são só as filhas de portugueses pobres que se prostituem. O campo de recrutamento cresceu. Hoje em diversos locais da cidade multiplicam-se jovens africanas, asiáticas, brasileiras da América Latinava Europa de Leste que sofrem diante dos nossos olhos a forma mais violenta de escravatura.

O mundo todo com os seus níveis de subdesenvolvimento cruéis transforma-se numa reserva gigantesca de mulheres jovens e de crianças para a indústria do sexo global.

Segundo a ONU

Quatro milhões de mulheres e de raparigas são anualmente compradas em todo o mundo.

Calcula-se que todos os anos, cerca de 200 mil mulheres provenientes de países de Leste caem nas mãos de proxenetas europeus. A Liga Feminina de Kiev afirma que "nos últimos anos 100 mil ucranianas foram vítimas de redes criminosas da indústria do sexo " (Le Monde Diplomátique). Segundo a Interpol "O negócio da exploração sexual entre os dois lados da Europa (Ocidental e de Leste) está em plena explosão "Na Polónia a prostituição estrangeira concentra-se nos grandes eixos que conduzem à Alemanha. Na Bulgária, cerca de 10 mil raparigas caíram nas malhas dos proxenetas. Desenvolve-se um autêntico mercado de escravas (segundo a Associação Animus). Os traficantes romenos leiloam ucranianas, moldavas, romenas, búlgaras, russas. Despidas, exibidas, são compradas, por cerca de mil marcos (511,3 €uros) por proxenetas que as violam antes de as fazerem seguir para outros países.

Uma rapariga caída nas mãos de um proxeneta, passa dois meses numa casa de passe. É depois vendida por 2.500 dólares (2.709 €uros) a outro proxeneta ainda mais brutal que o primeiro.

Uma jovem foi vendida dezoito vezes.

As mulheres são reduzidas à escravatura.

Existem autênticos campos de sujeição onde as raparigas são violadas, domadas.

No total, a prostituição poderá representar um volume de negócios entre os 5 mil milhões de dólares e 7 mil milhões de dólares (entre 5,4 e 7,6 mil milhões de €uros). Segundo a Interpol uma mulher prostituta consegue entregar anualmente 107 mil €uros ao seu proxeneta.

Uma mulher tem entre 15 a 30 clientes por dia, porque é suposto entregar entre 457 e 914 €uros se não quiser ser espancada.

Em Paris a prostituição gera um volume *de negócios anual avaliado em 3 milhões de €uros.*

"O negócio da prostituição é um negócio muito menos perigoso do que o tráfico de droga, porque não existe nenhum quadro jurídico internacional para combatê-lo"
(Gerard Stoudman, da Organização para a Cooperação e a Segurança na Europa - OSCE).

A causa do recurso à prostituição é sobejamente conhecida: a miséria

A maioria das mulheres espera ganhar dinheiro suficiente para regressar ao seu país e ajudar as famílias a sobreviver.

Três quartos delas nunca se tinham prostituído antes.

"O rápido crescimento da população ampliou o problema da pobreza. O censo de 2000 mostrou que o Quirguistão tem uma população de 4,8 milhões de habitantes, mais 13 por cento do que em 1991. Em Ós, a população aumentou 23 por cento, na medida em que camponeses sem trabalho inundam a cidade. Bisqueque tem atualmente uma população de 1,1 milhões de pessoas e apareceram bairros de lata nos subúrbios, ainda que não haja empregos. Em 2001, o Banco Mundial informou que 68 por cento da população vivia com menos de 7 dólares por mês e que o salário médio anual era de apenas 165 dólares; calcula-se em 295 dólares por ano o salário de subsistência.

Entre 1990 e 1996, o produto interno bruto do Quirguistão reduziu-se quase a metade, caindo 47 por cento. A produção industrial caiu 61 por cento, a produção agrícola 35 por cento e o investimento de capital 56 por cento. Numa denúncia devastadora da pobreza e do desespero de muitas famílias, a Organização Internacional para as Migrações informou que em 1999 quatro mil mulheres e raparigas quirguizes foram vendidas ilegalmente para o estrangeiro para trabalhar como prostitutas nos Emirados Árabes unidos, na China, na Turquia e, até, na Europa. " O tráfico de seres humanos tornou-se já uma grande indústria no Quirguistão...Destronou o turismo e tornou-se a maior indústria depois do tráfico de droga" afirmou Ercan Murat, chefe de missão da ONU no Quirguistão.
(Rashid Ahmed, 2002, pág. 129).

Comprometer a comunicação social na adoção de uma ética de informação. A recusa da prostituição não diz respeito apenas a Portugal, mas também à Europa e ao conjunto do mundo. Combater as

causas da prostituição, a escravatura sexual e o tráfico inscreve-se nas orientações estabelecidas pela ONU – Igualdade, Paz e Desenvolvimento e na dinâmica do desenvolvimento dos povos.

Para O NINHO é urgente:

Consciencializar os jovens para as profundas violências infligidas às mulheres prostituídas e para a cruel realidade da prostituição. Que a prostituição constitui uma grave violação dos direitos dos seres humanos; que o corpo humano é inalienável e que não há prostituídas felizes. A prevenção e a reinserção são claramente insuficientes. Fazer prevenção através de campanhas de sensibilização como por exemplo nos meios de comunicação social, internet, espaços áudio visuais etc. Implementar uma "porta de saída" através de uma linha telefónica permanente. Implementar uma política de reinserção que associe atendimento, acolhimento, apoio em parceria com poderes públicos e associações que permitam uma ação coerente no terreno, porque reúnem representantes de diferentes serviços públicos e das associações implicadas.

Criar um Observatório Europeu da Prostituição, à imagem e semelhança do da droga. Serviria para avaliar esta problemática complexa e mal conhecida para analisar as necessidades e promover ações concretas, reais e coerentes. Como afirmou o antigo Ministro do Interior britânico, Jack Straw, "os únicos que podem ter qualquer coisa a temer de uma cooperação acrescida na Europa são os criminosos que exploram as diferenças entre as legislações". É prioritário aproximar as legislações nacionais e os sistemas penais, estabelecendo uma "definição comum" dos crimes, harmonizando os "níveis de sanções".

Atualmente os proxenetas sujeitam-se a um mínimo de 6 meses de prisão (Portugal, Alemanha) dois anos na Irlanda quatro na Dinamarca e cinco em França. Nunca esquecer que não existe prostituição sem proxenetismo e que são as duas faces do mesmo problema. Prostituição e proxenetismo andam sempre de mãos dadas. Assumir o compromisso com a formação profissional nos países de acolhimento e nos países de origem, quando são repatriadas. Dar às pessoas prostituídas um verdadeiro estatuto de vítima que possa. Dizer aos homens traficantes, proxenetas e clientes que todos exploram a mulher embora em graus diferentes. O Estado deixa a missão da prevenção e sobretudo da reinserção social às associações sem lhes dar meios para a poder cumprir.

***O Ninho* em Ação! Síntese**

A Rede de recursos comunitários

Fazemos um trabalho **em rede**, articulando com os recursos comunitários existentes:

- Creches, jardins-de-infância, escola, ocupação de tempos livres para a integração das crianças nestas estruturas, para as mães poderem trabalhar.
- Recurso a amas, durante o dia, quando não existem vagas nas estruturas adequadas.

- Recurso pontual a internatos, quando a mãe necessita de " um tempo" para se " organizar internamente" ou quando da impossibilidade de alugar uma casa, " sonho" de todas as mulheres que acompanhamos.
- Trabalho conjunto com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e com os Centros Regionais de Segurança Social para o estudo da situação quando é necessário um subsídio complementar para as mulheres poderem sobreviver com dignidade. (Este subsídio é cancelado quando a situação da mulher se altera e ela pode viver sem esse recurso)
- Articulação com os Centros de Saúde e Hospitais para a prevenção da doença e tratamento.
- Articulação com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo para análise e avaliação de situações que exigem a intervenção da Comissão.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
- Tribunais
- Câmara Municipal de Lisboa
- Juntas de Freguesia
- Centros de Emprego

- Entre outros recursos disponíveis e indispensáveis no apoio que as raparigas, mulheres e seus filhos necessitam. Dar a conhecer os recursos existentes e ensinar a utilizá-los é trabalhado com as mulheres e na fase inicial do processo acompanhamo-las, isto é, vamos com elas aos serviços, porque necessitam de aprender "como fazer" e a ultrapassar as dificuldades que muitas vezes surgem. O estigma de ter sido prostituída permanece ao longo da sua vida, o medo de ser rejeitada, de ser maltratada é um sentimento que persiste e, muitas vezes depois de já terem feito o percurso da aprendizagem da utilização dos recursos, solicitam o nosso apoio porque se sentem mais confiantes e seguras para "enfrentarem" as situações complexas que vão surgindo na sua vida.

Intervenção psicossocial no meio prostitucional: **metodologia**

Visa conhecer o meio prostitucional e os seus agentes através de:

- contactos sistematizados com mulheres na rua e nos bares, estabelecendo relações empáticas e de confiança;

- partir da relação já estabelecida para alargar os contactos a outras mulheres e a outros agentes do meio";

- fazer acompanhamento psicossocial a partir dos problemas colocados pelas mulheres em coordenação com o Centro de Atendimento;

- informar sobre os recursos da comunidade e os direitos inerentes à cidadania.

Os Serviços de Apoio (SA)

Os Serviços de Apoio vão sendo estruturados de acordo com as solicitações feitas pelas mulheres e com a aprendizagem que os técnicos foram fazendo ao longo do seu percurso de trabalho direto com as mulheres.

O Centro de Atendimento: missão e objetivos

O Centro de Atendimento tem por objetivo principal a receção de pedidos de ajuda de mulheres que estão na prostituição. É um espaço onde se proporciona às mulheres um ambiente acolhedor de aceitação plena e onde podem falar de si próprias, dos seus problemas, dos seus sonhos...

Espaço situado no Bairro Alto onde se proporciona às mulheres um ambiente acolhedor de aceitação plena e onde podem falar de si próprias, dos seus problemas, dos seus sonhos... Espaço de Diálogo.

Faz:

- Atendimentos e encaminhamentos.
- Estudo e avaliação das situações de mulheres e seus agregados familiares oriundas do trabalho de rua e de outras instituições e encaminhamento para as estruturas adequadas (quando existem) nomeadamente para o lar e/ou oficinas de O Ninho.
- Dá a conhecer os recursos da comunidade e proporciona o acompanhamento aos mesmos sempre que necessário
- Apoio psicológico e psicoterapia.
- Promove nas suas instalações, festa de Natal para as mulheres e seus agregados familiares. Os convites são personalizados.

Fundação

O Centro de Atendimento localizava-se no Bairro Alto, desde 1967, porque nesta altura a prostituição tinha grande incidência neste local. Era a zona dos “lupanares” ou dos bordéis onde “coexistiam com a mais fina-flor” como diz Abel Varzim na Procissão dos Passos. (2002). Encerradas a 1 de Janeiro de 1963 pelo Dec. – Lei nº 44579 de 19 de Setembro de 1962, passou-se do sistema regulamentarista para o proibicionista e as mulheres invadiram as ruas do Bairro passando a ter visibilidade pública. Hoje, esta realidade está bem diferente. Com a intervenção urbanística por parte da Câmara Municipal de Lisboa) C.M.L. surgem os enclaves económicos e o povoamento dos bares por jovens, intelectuais e artistas. A prostituição vai

sendo progressivamente “empurrada” para pequenos espaços e as mulheres migram para outras zonas. No entanto, subsistem ainda infra-estruturas que facilitam o exercício da prostituição e que dela retiram benefícios lucrativos

A Intervenção: abordagem metodológica

No Centro de Atendimento faz-se um trabalho qualitativo e não um trabalho quantitativo. Qualidade no trabalho com pessoas, significa que não temos pressa, que respeitamos o ritmo dela, da mulher que necessita de ajuda e que fazemos o melhor que sabemos e com o capital de experiência adquirido ao longo de mais de 40 anos. A metodologia de carácter qualitativo, direcionada na interpretação das lógicas de ação dos atores sociais, num domínio societal caracterizado pela exclusão, no panorama valorativo subjacente às suas trajetórias (...). A utilização de indicadores qualitativos vem reforçar as situações em que se torna necessário captar traços específicos, tais como atitudes, motivos, motivações, pressupostos e quadros de referência (...). Por isso a abordagem qualitativa permite descrever, interpretar e compreender (...) no sentido da lógica que os atores imprimem às suas ações, onde a sua interpretação e compreensão desenvolvida por eles e a busca de sentido dada à realidade social figura como principal objetivo. “
(Brilhante, M. 2000)

Significa que nos vamos atualizando sob o ponto de vista teórico e com as vidas vividas pelas mulheres que apoiamos e que nos dão os factos e os sentimentos para teorizarmos.
Investigação/ação é hoje a terminologia utilizada para o que fazemos há mais de 40 anos.
A prostituição é uma questão complexa, complexa é também a procura de soluções para os problemas que lhes estão inerentes, pelo que é essencial um verdadeiro trabalho em rede, que possibilite uma intervenção mais eficaz, centrado nas pessoas prostituídas.

Operacionalização:

O Atendimento de situações microssociais é realizado através de um processo interativo de aceitação e de compreensão numa relação de proximidade.
O Acompanhamento social é um processo que envolve várias etapas:

- a compreensão da situação social tal como é vivida pelo indivíduo sujeito de direitos;
- a compreensão da dinâmica da intervenção tendo em conta os condicionalismos, as potencialidades e capacidades do indivíduo;
- a adaptação da ação comum (o individuo é agente no processo) às possibilidades estratégicas;
- a definição, em termos objetivos, o que é possível fazer a curto e a médio prazo. O acompanhamento social situa-se numa relação contratual entre os indivíduos em situação social difícil e o técnico.

O Estudo e Avaliação das situações de jovens e de mulheres e dos seus agregados familiares oriundas do trabalho no meio prostitucional e de outras instituições é realizado para preparar o encaminhamento para as estruturas adequadas, nomeadamente para o Lar e/ou Oficinas de O Ninho.

A Avaliação Psicológica-analisa e identifica as capacidades de integração e adaptação sócio-profissional e a motivação para sair do meio prostitucional. Faz a avaliação referente à psicopatologia e às capacidades cognitivas para uma intervenção mais específica e individualizada. Faz despiste do consumo de substâncias psico-ativas que constituem contra-indicações para a sua integração no estágio no lar e / ou oficinas. Nestas situações específicas, é feito o encaminhamento para instituições especializadas na problemática em causa. No entanto, existe sempre a possibilidade de estas mulheres terem posteriormente oportunidade de serem reavaliadas para uma próxima integração no Ninho. Esta avaliação permite também observar situações em que as mulheres, por algum motivo, não estão preparadas para saírem da prostituição, mas pedem ajuda. Para além de apoio social necessitam também de apoio psicológico. Nestes casos específicos, a psicoterapia e a intervenção social funcionam como uma referência para as mulheres, que começam a sentir-se socialmente aceites, o que pode contribuir para fazer emergir uma nova atitude e motivações a curto ou a médio prazo. Após uma avaliação completa, resultado da análise integrada da perspetiva social e da psicológica, as situações são avaliadas entre os técnicos. São analisadas as diferentes alternativas de encaminhamento e de acompanhamento.

O Papel dos (as) Técnicos (as) na Intervenção

Método: A intervenção parte sempre dos problemas e das dificuldades concretas sentidas pelas mulheres:

- O que fazer com os meus filhos?
- Estou doente: como me posso tratar?
- Tenho dívidas na pensão.
- Devo dinheiro à ama dos meus filhos.
- Gostava de deixar isto. Gostava de arranjar um trabalho.
- Sou seropositiva.
- Como fazer para ter o Rendimento Mínimo?
- Não tenho Bilhete de Identidade.
- Tenho a Licença de Residência caducada.
- Estou ilegal. O que posso fazer?
- O meu companheiro não tem trabalho.
- entre muitas outras.

Estabelecida a confiança, expressam sentimentos de culpabilização profunda: "e*u nunca prestei para nada*", de vergonha: "*não diga a ninguém a vida que eu faço*", medo de serem identificadas como prostitutas "*só ando de táxi, porque todos olham para mim*".

Os técnicos desempenham uma tarefa fundamental no apoio à resolução das dificuldades e simultaneamente no caminhar progressivo para a valorização, para o acreditar que são pessoas, mulheres com dignidade e com direitos. Ajudam e acompanham em todas as situações que em conjunto (mulher e técnico) consideram necessárias. Vão com ela tratar do B.I., da Licença de Residência, de creche, jardim-de-infância ou escola para os filhos, procura de alojamento, trabalho, resolver questões de saúde etc., etc....

O facto de o técnico estar presente, de não ter vergonha de estar com ela é um fator de extrema importância para a mulher se sentir valorizada e de ir interiorizando que é respeitada e aceite sem juízos de valor e considerada como ser humano. E começa a surgir a esperança de poder fazer "outra coisa" sempre desejada mas não concretizável sem ajuda. Tempo por vezes longo, consoante cada pessoa, e respeitar o tempo que cada uma precisa para caminhar é um fator de fundamental importância. Trabalhar com seres humanos com percursos de vida profundamente violentos e que permanecem numa situação de violência exige o respeito pelo tempo do outro. O tempo da intervenção psicossocial não se compadece com as estatísticas, com os números que ilusoriamente muitos pensam que são demonstrativos da eficácia do trabalho social.

Intervenção e apoio em situações altamente complexas: principais problemas identificados nas mulheres

Casos de psicoses graves, de dependência de drogas, de perturbações graves de personalidade, podem constituir impedimento de serem encaminhados para o lar e/ou oficinas, porque estes serviços não têm os requisitos necessários para proporcionar uma reabilitação adequada e futura integração socioprofissional. No entanto, existem situações em que o trabalho em conjunto com profissionais de saúde mental possibilitam às mulheres com estes problemas encontrarem o equilíbrio necessário à sua integração.

Casos complicados
Josefina

Recordamos a Josefina que chegou ao Centro de Atendimento através do Serviço Social de um Hospital Psiquiátrico, com o diagnóstico de psicose maníaco-depressiva.

"*Vi o diabo. Vi mesmo. Eu fugia mas ele vinha sempre atrás de mim. Era preto com um rabo grande e com uma língua enorme vermelha a deitar fogo. Corria como louca* para uma Igreja. Ele perseguia-me, mas nunca conseguiu apanhar-me."

Vinha com consciência da sua doença e da necessidade imperativa de continuar o tratamento em ambulatório. Tinha estabelecido com o médico uma relação empática e de confiança plena. "*O meu médico fez-me compreender que era a minha cabeça que estava doente e que eu com os remédios poderia afastar o diabo e outras aparições e se elas voltassem a aparecer que não me deveria assustar, e pensar que era da minha doença, e por isso, a necessidade de não faltar às consultas e tomar os medicamentos".* Assumiu a sua doença e o tratamento. Esteve nas oficinas e hoje trabalha num restaurante, continuando nas consultas e no tratamento.

Existem outras situações em que existe a negação da doença e consequentemente a recusa em aceitar a ajuda.

Teresa

Recordamos a Teresa que ouvia a voz da avó já falecida – "V*em, vem ter comigo"* e quando isto acontecia ia atrás da avó sem saber para onde. Não assumia a sua doença. "*Não sou louca para ir a um psiquiatra*".

Nos últimos anos, O Ninho tem-se confrontado com situações de mulheres das ex-colónias portuguesas e de mulheres estrangeiras, que recorrem ao Centro de Atendimento, porque desejam alterar a sua situação, solicitando ajuda para deixarem a prostituição. Acontece, porém, que muitas não estão legalizadas e é muito difícil O Ninho apoiar no sentido da legalização.

2. Prostituição: a visão do ONinho

A prostituição é a efetivação de práticas sexuais, hetero ou homossexuais, com diversos indivíduos e remuneradas, num sistema organizado e que constitui segundo a Unesco um problema social que é uma situação que afeta um grande numero de pessoas é sentida por estas ou por um numero significativo de outras pessoas como fonte de dificuldade ou infelicidade e é suscetível de resolução

O meio prostitucional funciona como um mercado de oferta e de procura. Oferta por parte da mulher que se vende, procura por parte do homem que a compra. Este é o caso mais simples, mas o mais raro. Na maioria dos casos (oito ou nove em cada dez) segundo observadores na Europa, intervém uma terceira pessoa:

- O organizador e explorador do mercado, o chulo ou proxeneta, o proprietário de casas fechadas, salões de massagens, fornecedor de quarto de hotel ou de estúdios... (Relatório de Jean Fernand Laurent, a pedido da ONU, 1983)

Como a escravatura também a prostituição tem um aspeto económico. Ao mesmo tempo que é um fenómeno cultural enraizado nas imagens do homem e da mulher, veiculadas pela sociedade, ela é também um mercado forte e lucrativo.

A mercadoria é aqui o prazer do homem ou a imaginação desse mesmo prazer, esta mercadoria é a oferta da intimidade da mulher ou da criança. Também, o que é aqui alienado, na pessoa, é mais grave do que na escravatura (no sentido habitual), pois nesta, aliena-se a força de trabalho e não a intimidade.

O negócio da prostituição rende ao proxenetismo milhões de dólares, porque a prostituição não se reduz a um ato individual de uma pessoa que aluga o seu sexo por dinheiro, é uma organização comercial com dimensões locais, nacionais, internacionais e transnacionais, onde existem três parceiros: pessoas prostituídas, proxenetas e clientes.

O Cliente

O cliente é proveniente de todas as classes sociais. O local onde procura a mulher é diferenciado. Varia consoante o seu poder de compra. Por exemplo numa zona pobre de prostituição, a clientela é constituída por trabalhadores com fracos recursos económicos. O preço da prática sexual está de acordo com o seu poder de compra, e por isso é pouco exigente no que diz respeito à aparência da mulher e ao seu comportamento. Há oscilações na procura, esta é intensa no princípio e no fim de cada mês, que é quando o cliente recebe o salário, vai diminuindo nos restantes dias.

Num hotel ou bar de luxo, o cliente tem poder económico. É exigente quanto à oferta: a maneira de se vestir e de se comportar da mulher, adapta-se à origem social do cliente. Não há oscilações na procura. Existe durante todo o mês.

A relação entre a mulher e o cliente é uma relação mercantil, o pagamento da prática sexual introduz a desculpabilização, o não compromisso, a desresponsabilização.

Afasta qualquer afeto. “O cliente pode assim entregar-se às suas fantasias, à sua realidade interior - à sua, não à dela – sem ter que se preocupar com o que ela sente, pensa ou deseja. Se aparenta fazê-lo, é apenas porque lhe convém dar à situação uma aparência de realidade. Mas o facto de o fazer “a fingir“ não o compromete. Terminado aquilo que o contrato inicial previu, os dois intervenientes na situação separam-se, frequentemente o mais depressa possível. Não devem mais nada um ao outro... o dinheiro lá está para pôr os sentimentos à distância.

O que O Ninho sabe: **análise social**

“A prostituição não se reduz a um ato individual de uma pessoa que aluga o seu sexo por dinheiro. É uma organização comercial com dimensões locais, nacionais, internacionais e transnacionais onde existem três parceiros: pessoas prostituídas, proxenetas e clientes”.

Conhecemos a origem social das mulheres e dos clientes. Conhecemos os proxenetas (os companheiros, como elas dizem)
Conhece e analisa outros locais de prostituição: pensões, bares de espera, bares de alterna, hotéis de cinco estrelas, casas de passe fechadas, casas de massagens, agências, bares de luxo.
Conhecemos mulheres que foram traficadas, vendidas para certos países.
O tráfico de mulheres é organizado por associações criminosas.

A prostituição diz sempre respeito à sexualidade.

- À do cliente, porque apesar das aparências de ser ele quem usufrui, não é compensador comprar a utilização do sexo de outra pessoa.
- À do proxeneta, pois é humanamente destruidor viver reduzindo a vida das pessoas a uma exploração financeira da sua intimidade.
- E à da pessoa que se prostitui, a mais marcada por esta redução, através do dinheiro, ao estado de objeto.

Estamos perante o sexo separado de todo o significado humano, sexo/objeto. Compete-nos pôr as nossas dúvidas em relação a esta banalização do sexo, porque é muito aquilo que se joga, ao recusar-se dissociar sexo (objeto de prazer) do sexo (órgão de reprodução) e o sexo / meio de exprimir o amor.

E falando de afeto, as mulheres prostitutas, elas também tentam amar e ser amadas.

Trata-se de uma dinâmica profunda segregada pela sociedade mercantil, da qual o capitalismo é a forma atualmente dominante. Este sistema não produziu ainda um antídoto, um "contra-veneno" que nos permitisse passar do dinheiro, como equivalente de todo o valor, para o dinheiro, como equivalente unicamente de alguns valores.

Todos estes atos íntimos que contêm uma outra ordem de valores, são rebaixados a um nível único – ao de um valor mercantil. Trata-se de uma perversão inaceitável que legitima que nos batamos contra a prostituição e o proxenetismo.

Sexualidade; a perspetiva de O Ninho

"A sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual".
A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia a nossa saúde física e mental" (OMS)

Integrada numa relação afetiva, a sexualidade é vivida de uma forma responsável, partilhada, em igualdade, cimentando uma relação estável. Na prostituição todos estes atos íntimos

são rebaixados a um nível único – ao de um valor mercantil. A sexualidade é vivida como uma procura de prazer à custa do outro. É uma forma de violência.

"É uma forma de escravatura"

"A prostituição de mulheres e de crianças é uma forma de escravatura incompatível com a dignidade da pessoa humana e com os seus direitos fundamentais "(ONU)

A sexualidade é a construção de um desejo humano reivindicando a sua liberdade não apenas para manter a espécie humana, mas também para obter prazer na fusão dos corpos através do qual homens e mulheres afirmam a sua participação no mundo.

A ameaça que o vírus da SIDA constitui para a saúde pública acentua o conflito existente entre aqueles que defendem a ordem sexual e aqueles que insistem na livre escolha dos parceiros fora da disciplina social ou religiosa.

O contágio poderia teoricamente estar limitado se os drogados, os homossexuais, as pessoas prostitutas estivessem isoladas e se as relações sexuais fossem manipuláveis como processos previsíveis e planificados, mas o vírus não é pertença de grupos de risco como no início se acreditava, mas de comportamentos de risco.

É a questão social e ética que a SIDA coloca. A SIDA pode constituir um desafio às liberdades individuais e às liberdades públicas e a ameaça representada pelo VIH para a sociedade pode ser, um pretexto para o moralismo, e o moralismo transporta consigo a exclusão, a discriminação, a condenação, o ostracismo.

Aqueles que defendem a criação de zonas vermelhas ou locais delimitados para a prática da prostituição considerando-a um trabalho, certamente não estão conscientes da carga moralizante e da violência que a sua atitude encerra.

Retoma-se novamente no século XXI, o rastreio das pessoas que se prostituem em nome da saúde pública, defendendo inconscientemente a ordem sexual estabelecida como se as relações sexuais devessem ser previsíveis e planificadas.

A prostituição é hoje travestida, buscando argumentos do passado para perpetuar comportamentos e mentalidades em relação à condição da mulher.

A Holanda legalizou a prostituição em Outubro de 2000.

A abertura de uma casa de passe depende de uma autorização do município.

Para o governo holandês dez mil prostituídas maiores e oriundas da União Europeia são reconhecidas como **"**trabalhadoras do sexo"**,** de corpo inteiro.

Para o Ministro da Justiça holandês "um dos objetivos da legalização é normalizar a prostituição voluntária, enquanto se luta mais eficazmente contra a prostituição forçada".

Mas sabe-se que mais de metade das prostituídas holandesas afirmam que foram forçadas à prática da prostituição.

Mulheres prostituídas defendem o reconhecimento da prostituição em nome "do direito fundamental de dispor do seu próprio corpo". Mas não dizem que a reclamação desse direito é-lhes incutida pelo proxenetismo organizado, pelas máfias criminosas que as empurram e as obrigam a

“dar a cara” porque objetivamente querem ser legalizados como industriais do sexo e não serem perseguidos como redes do crime organizado. Legalizando a prostituição automaticamente as redes criminosas ficam de mãos livres.

Dizem mulheres que conseguiram libertar-se das amarras da prostituição: “*O nosso corpo não nos pertence. Está sujeito à vontade do chulo (proxeneta) e ao desejo do cliente*”

Origens sociais das mulheres prostituídas

Através da análise de histórias de vida podemos sistematizar um conjunto de fatores que ajudam a compreender as múltiplas e complexas causas conducentes à prostituição de uma mulher:

- filha de trabalhadores rurais, operários da construção civil, desempregados, analfabetos ou semi-analfabetos.
- família numerosa, cinco, sete, oito irmãos ou mesmo mais.
- pai ou mãe ausente e mesmo os dois
- fome na infância
- trabalho infantil – tomar conta dos irmãos mais novos, ajudar pai ou mãe no campo servir em casa alheia”, trabalho em fábricas.
- habitação sub – humana
- alcoolismo do pai ou do pai e mãe
- desagregação familiar
- abandono / maus-tratos / violência
- desamor / carências afectivas
- baixo rendimento escolar, frequência da escola sem conclusão do 9º ano
- relação sexual precoce em muitos casos por violação e ou incesto
- gravidez precoce
- solidão
- ignorância
- desemprego
- falta de formação profissional
- frequência de internatos na infância e ou adolescência

Estes fatores conjugados entre si parecem concretizar as causas da prostituição, da maioria das pessoas prostituídas. Da troca de experiências com Instituições Europeias que trabalham com mulheres prostituídas sabemos que, a incidência da violação e /ou abuso sexual é:

Portugal 80 a 90 % entre os 8 e 14 anos
França 75 a 80 % entre os 9 e os 15 anos
Dinamarca 70 a 75 % entre os 10 e 16 anos

Holanda 50% entre os 9 e os 14 anos
Estados Unidos da América 85 % entre os 8 e 16 anos
Espanha 70 a 80 % entre os 10 e os 15 anos
Grécia 70 a 90 % entre os 8 e 16 anos
Colômbia 80 a 90 % entre os 7 e 12 anos
Brasil 79 a 95 % entre os 6 e os 14 anos.

3. O Método Ninho: investigação/ação

O TRABALHO DE RUA

Intervenção psicossocial no meio prostitucional

A intervenção primeira de O Ninho foi o trabalho de rua nos locais onde as mulheres são procuradas pelos clientes. Conhecer o meio prostitucional, compreender as causas e consequências da prostituição, perceber as mudanças que se verificam no "meio "é indispensável para planear ações que visam a promoção das jovens e mulheres que são prostituídas. Por isso conhecer o grupo alvo é a primeira etapa a realizar, fazendo simultaneamente investigação/ação. Conhecer os agentes que fazem parte do sistema prostitucional, as regras exigidas, as infra-estruturas – os bares, as pensões, as amas, os bares de espera, os bares de luxo, as casas fechadas, os hotéis...

O objetivo integra-se, naturalmente na finalidade de O Ninho: a promoção humana e social de pessoas prostituídas e, por isso, vai ao encontro das mulheres nos vários locais onde elas se encontram. Esta aproximação é o primeiro passo para a mulher sentir que existe uma instituição que a considera como "pessoa única e singular" com dignidade inerente a todo o ser humano independentemente do seu comportamento. Ela, a mulher vive em contradição, em conflito consigo mesma - "*não é isto que eu queria para a minha vida*". Os valores que ela própria considera como válidos, não se coadunam com a sua permanência no meio prostitucional - "E*u estou aqui por pouco tempo, logo que resolva uns problemas eu saio disto"*.

Isto significa que:
A permanência na prostituição não faz parte dos planos das mulheres.

O plano é outro: encontrar uma saída.

"Tire-me daqui. Eu já não suporto esta violência, isto é uma morte lenta"

"Não há ninguém que me possa ajudar. Eu devo dinheiro a uma amiga. Eu devo à ama, eu ainda não paguei a pensão. Hoje tenho que fazer dinheiro"

"*Eu tenho quatro filhos. Pago 350 €uros de renda de casa, mais água, luz, gás. Onde vou arranjar dinheiro para pagar tudo isto? Já tenho quatro meses de renda em atraso. Se tenho uma ação de despejo onde vou deitar os meus filhos?"*

É bem significativo o sentimento de "beco sem saída" em que estas mulheres vivem e não sabem o que fazer, nem como fazer.

"*O meu companheiro está desempregado. Ele coitado bem queria ajudar, mas só consegue biscates e o que recebe não chega para quase nada*."

Para as jovens e mulheres o "chulo" é a sua verdadeira relação afetiva. É "o protetor" e é elemento de socialização.

Podemos afirmar que as mulheres prostituídas são provenientes de bairros degradados, de casas sobrepovoadas, de famílias numerosas, de pais alcoólicos. Sofreram maus-tratos, abandonos, violações, incestos. Passaram fome. Não se sentiram amadas. Trabalharam na infância a ajudar no campo, a "servir em casa alheia", a cuidar dos irmãos mais novos. Não foram à escola e quando a frequentaram não tiveram sucesso e, quando o tiveram foi só até ao 4º, 6º ou 7º ano de escolaridade. Cresceram depressa. Namoraram cedo, engravidaram cedo e depois foram abandonadas.

- "*Sentia o olhar acusador da minha mãe. Aos 16 anos já tinha feito dois abortos. Do terceiro já não tive coragem!"*

E um dia encontra alguém que lhe promete afeto, casamento...e a ilusão instala-se com promessas de amor. Dar o nome ao filho que está para nascer é prova de amor. E a criança nasce e ele cumpre o prometido. E passado algum tempo ele diz-lhe que tem dificuldades, que não tem dinheiro...mas ela pode ajudá-lo... não custa nada... é por pouco tempo... Ela chora e não quer. Mas o amor é forte e para prová-lo faz-lhe a vontade.

E assim começa a vida de prostituída.

Vivia em conflito. Não era esta vida que queria ter. Era outra bem diferente.

"*Olhe é o destino, o meu destino é este*."

A fatalidade. O não encontrar saídas... obriga-a a suportar a situação

Mas esta é a única forma de entrar no meio prostitucional?

Esta é muito comum. Mas há outras formas.

Maria

Maria conta-nos como se iniciou na prostituição:

"*Não aguentava a vida em casa. O meu pai batia-me e nos meus irmãos. A minha mãe chorava. Também levava pancada. Ele bebia muito. Fugi. Andei pelas ruas sem saber o que fazer. Tinha imensa fome. Um senhor ofereceu-me um almoço, levou-me para casa dele. Ele obrigou-me a ir para a cama. Fiquei em casa dele três dias... mas não o suportava...*

Deixou-me num bar do Cais do Sodré e disse-me: é aqui o teu lugar. Vais aprender depressa. E, realmente aprendi. Chorei muito, mas... não encontrei outra saída. Não queria voltar para casa."

Mulheres prostitutas acolhem, por vezes, jovens que saem de casa e tentam evitar que recorram à prostituição, mas não encontram alternativa e indicam o caminho que conhecem para ganhar dinheiro rapidamente...

Jovens "entram" na prostituição através de donos de casas de passe que as aliciam prometendo-lhes trabalho... estas jovens ficam prisioneiras destes proxenetas que as fazem circular de "casa de passe" para "casa de passe", impedindo-lhes o contacto com o mundo exterior. Neste sistema já organizado de proxenetismo raptam jovens e crianças...

A falta de informação leva também muitas jovens, na procura de trabalho a serem confrontadas com situações que as conduzem á prostituição.

Teresa

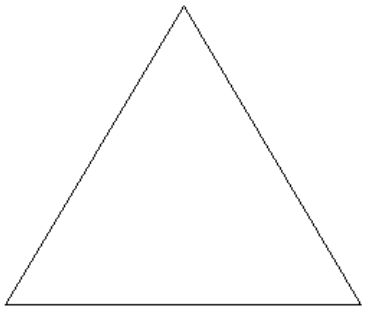
Teresa procura trabalho por jornal. Encontra uma proposta de emprego aliciante.

"Jovem com boa apresentação com idade compreendida entre os 18 e os 25 anos, precisa-se para servir à mesa em bar. Ordenado 500 €uros mais percentagens". Teresa responde ao anúncio e começa a trabalhar no bar a servir às mesas. Pouco tempo depois o patrão pede-lhe para fazer companhia aos clientes solitários. Ela ganharia o que quisesse. Tudo dependia do que ela fizesse o cliente beber, e podia beber com ele porque o cliente pagava. Ela passou a ganhar à percentagem sobre as bebidas consumidas... mas tinha que ser amável, tinha que fazer com que o cliente se sentisse bem... E Teresa depois do bar fechar era aliciada pelos clientes a passar o resto da noite por um preço elevado...

Teresa começou por alternar e depois por prostituir-se com os clientes do bar.

O meio prostitucional funciona como um mercado de oferta e de procura. Oferta por parte da mulher que se vende. Procura por parte do homem que a compra. Este é o caso mais simples, mas o mais raro. Na maioria dos casos, oito ou nove em cada dez, intervém uma terceira pessoa o chulo ou proxeneta. A mulher prostituída é uma intermediária do dinheiro que vem do cliente, passa pelas suas mãos e segue para o chulo (proxeneta) e / ou outras formas de proxenetismo.

Cliente



Mulher **Chulo e outras formas de proxenetismo**

O "Meio"

O "**meio"** é constituído por vários agentes para além da mulher prostituída, do cliente e do chulo e tem como suporte um conjunto de infra-estruturas.

Donos/as de pensões – locais onde se praticam "visitas" (espaço de tempo de uma prática sexual) e/ou dormidas, onde o dinheiro entra de 10 em 10 minutos, frequentados ao dia por várias mulheres que são prostituídas. (No Bairro Alto existem cerca de duas dezenas de pensões que cobram preços entre 5 a 7 €uros por visita e 10 a 17 €uros por dormidas)

Donos /as de bares – vendem a presença das mulheres prostituídas, conseguindo assim um maior número de clientes. Podemos encontrar no Bairro Alto mais de uma dúzia de bares entre bares de "alterna" e bares de "espera".

Bares de "alterna" – nestes bares a presença de mulheres, nem sempre prostituídas, é acrescida ao preço das bebidas. Elas devem permitir aos clientes "determinadas atitudes", levando o cliente a um maior consumo.

Bares de "espera" – são bares onde as mulheres prostituídas esperam os clientes. Aqui, o dono ganha pelo maior número de pessoas que entram e saem ao dia do seu bar. Nalguns casos, estes bares têm por cima quartos, onde são permitidas "visitas".

Algumas amas dos filhos – **as mulheres prostituídas recorrem com muita frequência a amas a tempo inteiro (situadas no meio prostitucional) pelo facto de necessitarem de alguém que lhes tome conta dos filhos, de dia e de noite, para que elas possam prostituir-se. Além do mais, nos locais onde é normal residirem (quartos de pensão, também no "meio") não é permitido ter crianças. Só dentro do Bairro Alto podemos encontrar cerca de meia dúzia de amas que cobram preços que variam entre os 8 a 15 €uros, por dia e por criança. Estas amas, que são nalguns casos antigas prostituídas, sofrem graves carências sócio-económicas, não oferecem condições mínimas de bem-estar e desenvolvimento às crianças de quem cuidam. Muitas vezes, em quartos degradados de espaço diminuto e**

pouco arejados encontramos um número elevado de crianças que sobrevivem em situações de risco. As mães não conseguem encontrar alternativas.

Outros locais de prostituição

Na rua a prostituição é visível, as mulheres têm uma imagem pública. O contacto é fácil. Podemo-nos aproximar, conversar, dizer-lhes que estamos disponíveis para apoiar, podemos falar-lhes dos seus direitos enquanto pessoas, podemos criar relacionamentos empáticos que possibilitam referências positivas e que são valorativos para quem se sente marginalizado e ao longo da sua vida interiorizou o estigma da exclusão.

Existem outros locais de prostituição: bares de luxo, hotéis, casas de passe, casas de massagens, agências.

Só que nestes locais os clientes têm alto poder económico e as mulheres têm uma aparência que as faz aproximar (confundir) com a origem social do cliente. E, por isso a ideia generalizada de que as pessoas que se prostituem nestes locais são de uma classe social diferente das que são prostituídas na rua.

A prostituição funciona como um mercado: oferta/ procura e como em qualquer mercado a oferta adapta-se à procura e por isso o aspeto bem cuidado das mulheres que são prostituídas nestes locais, e devido aos nossos estereótipos de pertença inconscientemente as colocamos na classe social do cliente.

"*Tenho que me vestir muito bem. A roupa interior também tem que ser muito bonita. Os clientes são muito exigentes quanto ao nosso aspeto. Também se não estivermos bem vestidas o porteiro não nos deixa entrar*".

A violência nestes locais é oculta.
É exercida entre paredes.

"*No quarto do hotel eu sujeito-me a tudo o que o cliente quiser fazer e não posso fazer nada. Ele é que tem o poder, porque é ele que tem o dinheiro. Estive horas a fazer de estátua em cima de uma cadeira e o cliente a olhar deitado na cama"*.

"*Já me queimaram com pontas de cigarros*"

Existem clientes que contratam várias mulheres para assistirem a práticas sexuais entre elas e promovem bacanais.

As Agências

São locais que funcionam como um “escritório”. Têm 5/6 telefones ou menos e telemóveis (muitos vêm em anúncios classificados dos jornais). Têm sob o seu controle várias mulheres: brancas, negras, asiáticas, brasileiras, romenas, russas...
O cliente telefona e diz o tipo de mulher que quer. Combinam o preço, o local do encontro (o andar) e contactam com a rapariga para o seu telemóvel.

O Tráfico

Encontramos redes de tráfico nas ruas da cidade de Lisboa. São mulheres oriundas de outros países e até continentes que querem “fugir” à pobreza extrema e que vêm para a Europa com a promessa de um trabalho e que são colocadas na prostituição.

Estas jovens e mulheres, não falam português, são muito reservadas quanto a contactos com outras mulheres e com pessoas exteriores ao “meio”. Sabemos que estão ilegais, não têm documentos (foram-lhes retirados pela rede de proxenetismo) e que ao fim do dia entregam o dinheiro ganho a uma pessoa pertencente ou controlada pela rede.

Ficam com algum dinheiro que enviam para a família que ficou no país de origem, porque a vinda para a Europa foi com o objetivo de ganharem dinheiro para mandarem para a família para assegurar a sua sobrevivência. Na rede existem indivíduos conhecidos da família que ameaçam contar-lhe a “vida” que fazem se tentarem fugir.

Estas mulheres vivem no “terror” do repatriamento, pois se a ameaça se concretizar são rejeitadas pela família e pela comunidade ou são mortas ou ficam novamente nas mãos dos proxenetas.

Existem também mulheres traficadas em casas fechadas. Sem documentos e ilegais não têm contactos senão com as pessoas pertencentes à rede e com os clientes.

Têm dificuldade em comunicar umas com as outras pois são de países diferentes e não falam, por isso, a mesma língua.

Estas casas espalham-se pelo nosso país como “cogumelos”.

Conhecemos várias que estão adaptadas ao estatuto social do cliente.

Casas de luxo são compradas pelo proxenetismo (branqueamento de capitais) onde estão jovens, que são prostituídas por clientes de luxo. Estas jovens percorrem o nosso país de norte a sul, permanecendo no máximo 1 a 2 meses em cada casa e depois são vendidas para outros países.
Existe também um tráfico interno, isto é, jovens portuguesas que são prostituídas em casas fechadas e que, também elas, ficam prisioneiras de um sistema fechado percorrendo o país num circuito de venda de proxeneta em proxeneta. Esta situação não é considerada na lei como tráfico. Conhecemos uma casa de passe, numa zona de luxo da cidade de Lisboa, onde as mulheres são vestidas à moda do século dezanove e que faculta também fatos da mesma época aos clientes.

Histórias de vida

Apoio Psicológico e Psicoterapêutico

Avaliação clínica de psicopatologias e das funções cognitivas, apoio psicológico e psicoterapia às mulheres acompanhadas pelo Ninho nos diversos serviços.

O Ninho utiliza uma metodologia capaz de "sistematizar a memória oral dos indivíduos em análise, abrangendo, para o efeito, a preocupação de se aproximar cada vez mais do real concreto" (...). Assim para atingir este domínio, a opção pelas "Histórias de Vida" ou "Récits de Vie" que pressupõe a "técnica de escuta (...) que vem fazer falar os povos do silêncio" através das raparigas e mulheres que acompanhamos. Este método permite-nos organizar o sentido e a consistência das suas vidas na interação com as estruturas e com as instituições sociais. É, pois, aqui, que reside a "veracidade" das histórias e a "sinceridade" dos atores na articulação coerente com o seu percurso. Assim, a história de vida, enquanto material qualitativo personalizado, reveste-se ou pode revestir-se daquele aspeto de exercício em liberdade que caracteriza, com efeito a escrita de um diário. (Brilhante, M. 2000)

Uma história de vida

"Aos 14 anos vim para a Europa. Vivia na terra e da terra numa aldeia africana.
Vivia em pobreza extrema.
Vim para trabalhar e mandar dinheiro para matar a fome à minha família.
Foi um homem que disse que me trazia para um país rico da Europa onde se ganhava muito dinheiro. A minha família disse que sim – "Se é bom para ela é bom para a família". Era uma forma de o meu filho homem poder estudar. (....). Era uma forma de não passar tanta fome. A minha irmã também veio comigo. Ela tinha 16 anos.
Ele tratou dos documentos. Mostrou os passaportes à minha família. Mostrou as viagens de avião que havia comprado. Quando tivéssemos dinheiro lhe pagaríamos todos os gastos e as trabalheiras que teve nesses afazeres. Não disse quanto, nem ninguém lhe perguntou. A minha irmã ficou numa cidade que ele disse ser de França. "Um país muito rico onde tu ganhas o que preciso for". Eu continuei viagem com ele. "Estamos em Espanha". Um país também cheio de promessas para o ganho do dinheiro. Nunca mais vi a minha irmã. Fui posta numa casa com outras raparigas. Todas nós éramos muito novas. Éramos 17. Era uma torre com vários apartamentos.
Não conhecia ninguém! Eram raparigas que me pareciam assustadas e indiferentes. Não compreendia a palavra delas, nem elas a minha. O primeiro cliente tinha, penso, 40 anos, não sei bem. Fechadas num quarto todo vermelho, cama redonda, espelhos onde eu me olhava como se eu fosse muitas. Homens também eram muitos e todos iguais. Obrigou-me a despir. E fez tudo, mas tudo o que quis de mim. Chorei, gritei, implorei. Nada. Ele foi indiferente. Indiferente não. Sorria e os olhos brilhavam. Eram de vidro pensei. Estive lá um ano. Veio o

homem "amigo" o da minha terra. Implorei-lhe que me levasse dali. "Ainda me deves dinheiro". Sorriu, pensei que com carinho... Eu pago tudo o que devo, mas leva-me contigo. "Vamos para Portugal", prometeu. Entregou-me a outro homem que numa carrinha fechada andou muito tempo. Não sabia se já era dia. Não, não sabia. Fui novamente para um andar. Aconteceu o mesmo que no outro lugar que se dizia Espanha. Estive lá três anos. Todos os dias, todas as semanas o tempo sem horas. Veio outro homem que me levou de lá numa carrinha, outra fechada, e que me despejou com mais cinco numa rua de Lisboa, disse-me depois uma mulher que fui encontrando nos dias futuros. Até que enfim estava na rua, a agarrar o ar, o vento, a chuva, o frio, o calor. Já não era o mesmo ar de homens, que agarravam o meu corpo preto, com cheiro a perfume e com olhos de vidro cobiçando o fazer de prazeres arrancados de mim. A água da chuva lavava-me a alma, ensopava o meu corpo. Inspirava profundamente o cheiro da terra, o cheiro do ar, voando para a terra do meu lugar distante em lembranças passadas nos meus tempos de infância...

Como fugir desta carrinha que me levava de uma casa para a rua, e da rua para a casa? Eu era outra. Acordava de noite com pesadelos de morte. Os meus mortos perseguiam-me vivos, esses seres errantes apontavam-me o fogo purificador que me queimava a carne e a alma. Deixava-me ficar transformada em cinzas que penetravam a terra e que lhe dava vida. Eu renascia das cinzas e voltava a ser uma mulher de 14 anos purificada no Ser do meu filho que ficou na terra esperando por mim. Mas eu não voltarei. Serei morta. Contar na minha terra o que eu fazia na Europa do sonho africano não tinha perdão. "Se não fizeres isto conto à tua família e a todos os da tua aldeia". O terror é de tal tamanho que não sei falar em palavras. Estou num lugar estranho. Sou estrangeira, preta, deambulando numa rua para traz e para a frente, indo com homens, recebendo dinheiro sem saber porquê.

Hoje não me vendo.

Alguém me ajudou sem medo dos homens que me metiam medo. Devolveu--me à terra deste país estrangeiro onde sou preta estrangeira.

Cheiro o cheiro da terra, da água que rega esta terra onde crescem árvores plantadas por mim, flores, sebes, jardins. Mexo e remexo na terra que me entra no ser e me purifica.

Afinal em terra estrangeira, uma preta estrangeira encontrou um lugar onde a terra lhe foi devolvida e a dignidade lhe foi concedida.

Sonho, sonho sempre que o futuro está a vir.

Há-de vir toda a minha família para esta terra estrangeira para não passar fome e onde o meu filho homem há-de estudar.

Eu não posso voltar.

5. Sair do "Meio" - Mudar de Vida.

O Lar

Quem é esta pessoa?

Mulheres prostituídas que desejam uma situação de mudança, uma alternativa à prostituição.

Qual é o problema?

O problema consiste num obstáculo, uma necessidade ou uma acumulação de frustrações ou inadaptações e, às vezes, de todos estes fatores juntos que representam uma ameaça ou que impedem a adequação vital da mulher, e/ou os seus esforços não são suficientes para poder por si resolver o problema.

Qual é o lugar?

É uma IPSS que tem por objetivo a promoção humana e social de mulheres vítimas de prostituição.

Em que consiste o processo?

O processo consiste numa interação progressiva entre o profissional que ajuda e a mulher. Compreende uma série de operações de resolução de problemas integrados numa relação significativa. O objetivo do processo está nos seus meios: apoiar a mulher fomentando a sua eficácia para enfrentar os seus problemas e agindo sobre o problema para ajudar a resolvê-lo ou a diminuir os seus efeitos.O profissional deve saber captar a natureza da pessoa, a natureza do problema, a filosofia da Instituição na sua constante interação para poder considerar e analisar o processo numa estrutura dinâmica e principalmente da sua utilidade para a pessoa que precisa de ajuda. Para compreender o que deve incluir o processo no seu aspeto de ajuda é necessário considerar os tipos de bloqueio que uma mulher pode ter no seu esforço para resolver os seus problemas.

. o problema pode afetar vitalmente a atuação social da pessoa

. a natureza dinâmica do problema colocado pela mulher obriga o profissional a selecionar só alguns aspetos do mesmo como unidade de trabalho, para seguir uma ordem de sucessão, ainda que a compreensão do problema tenha um carácter global. Na eleição do centro da atenção do problema intervêm três fatores:

1. o que a mulher deseja e necessita.
2. o que o profissional considera soluções possíveis e desejáveis.

Os problemas que surgem e que dão lugar a uma inadaptação social podem suscitar ou pôr em relevo outros problemas em sectores conexos da vida da mulher, isto é, podem originar “reações em cadeia”. Tudo o que afeta ou modifica um aspeto da sua vida reflete-se nos outros aspetos. Todo o problema que afeta uma pessoa tem componentes subjetivas e objetivas, o que significa que o esforço que uma pessoa faz para resolver os seus problemas depende em grande parte dos sentimentos em relação a eles. Os aspetos externos (objetivo) e interno (subjetivo) do problema não só coexistem, mas além disso um pode ser a causa do outro.

O contexto social, as circunstâncias em que as mulheres vivem e / ou viveram têm repercussões no “interno”, no íntimo delas próprias e as condições que se processam no seu íntimo influenciam as condições exteriores, que se manifestam no seu comportamento. Qualquer

que seja a natureza do problema colocado pela mulher que pede ajuda vai sempre acompanhado pelo problema da sua dificuldade de o resolver por si própria, isto é, pelo facto de ter que pedir ajuda e aceitá-la, e este mal-estar tem que ser compreendido pelo profissional. Para algumas mulheres que já tiveram experiências negativas em pedidos de ajuda, pelo facto de serem prostituídas, e pela condenação que alguns técnicos mesmo que não verbalizem lhes transmitem é, por vezes, humilhante terem que pedir apoio, porque não sabem se vão ser compreendidas e aceites ou rejeitadas e condenadas.

"*Até pegar no telefone para marcar uma entrevista me custa, porque não sei se a pessoa que está no outro lado me vai tratar como uma pessoa ou como uma puta*".

Assim, a primeira entrevista inicia-se com uma atitude de aceitação e de compreensão por parte do profissional e logo que a mulher capta esta atitude começa a confiar expondo a sua história de vida, e o relacionamento empático que se gera fá-la vivenciar uma situação de segurança, porque sente que o técnico não só deseja ajudá-la, mas que sabe como fazê-lo. Ajuda-a a refletir sobre si própria e o seu problema e em conjunto vão encontrando soluções.

Baseando-se nos factos do problema e nas respostas verbais e não verbais e atitudes da jovem ou da mulher, estuda os recursos internos e externos que ela dispõe para resolver os seus problemas. Para compreender se a rapariga está motivada para receber a ajuda da Instituição o profissional faz duas coisas:

- Explica o que é o Lar, responde às suas perguntas, mesmo as não formuladas sobre o apoio que a Instituição pode prestar-lhe e ajuda-a a tomar a decisão de comprometer-se a colaborar com o lar.

A mulher angustiada com os seus problemas e insegura em relação à mudança que deseja, pode manifestar incertezas e insegurança se aceita ou não a ajuda, os meios e os fins que o profissional e a Instituição lhe podem oferecer. E como só existe verdadeira participação quando a decisão é livre, o técnico tem que deixar para a mulher a decisão se deseja ou não aceitar o que a Instituição lhe oferece.

Este problema surge na fase inicial do processo:

- enfrentar e aceitar a verdade que para os seus problemas não existem "receitas" e, portanto compreender que tem que empreender com a Instituição a tarefa de adaptação que implica o processo de resolução de problemas. O que deve estar presente é que é necessário ajudar a mulher a compreender e a experimentar o que deseja saber
- que está num local onde a escutam onde pode ser ajudada e onde se ajudam as pessoas com problemas semelhantes aos seus e a mulher pode decidir se deseja ou não comprometer-se a utilizar os recursos da Instituição sendo co-agente no processo de mudança.

Considerando sempre cada pessoa "única e singular", o conteúdo do processo apresenta certo tipo de dados que são constantes e que constituem os dados do estudo e que implica a averiguação de factos que podemos sintetizar nos seguintes:

Natureza do problema exposto: Quais são as circunstâncias da dificuldade que se coloca à mulher? Quais os obstáculos que deseja ultrapassar ou os fins que pretende alcançar?

1. **Importância do problema** – O que significa o problema para a mulher? Quais são as consequências sobre o seu bem-estar psicológico e social? Que valor tem o problema para ela?
2. **Causa (s) e fatores precipitadores do problema** - Como surgiu a dificuldade? Que fatores contribuíram para o seu progresso? Quais são as interações que intervieram na situação (causa-efeito, efeito-causa)?
3. **Esforços realizados para resolver o problema** – Que pensou fazer ou tentou fazer por si própria ou com o apoio de outras pessoas para enfrentar e resolver o problema? Que solução deseja? Qual tem sido o seu comportamento no que diz respeito à resolução do problema? Com que recursos conta dentro de si e da comunidade (rede social).
4. **Natureza da solução ou fins que pretende encontrar na Instituição**? - O que é que a motivou conscientemente a vir à Instituição pedir ajuda? Que ideias tem sobre o que deseja e espera da Instituição e que colaboração pretende dar. De um modo geral vai com a expectativa da resolução do problema. Ajudá-la-ão ou não a conseguir o que deseja? O profissional tem que ter em conta a natureza de O Ninho (Instituição) e os meios que tem em relação à pessoa e ao seu problema.

Como e o que pode fazer esta Instituição para ajudar esta pessoa? Que recurso pode oferecer? Que requisitos deve exigir da mulher?

A consideração destes fatores proporcionam ao profissional e à mulher uma visão conjunta dos seus respetivos papéis e as etapas a percorrer para a resolução do problema.

O técnico porque tem conhecimentos, porque analisa os factos objetivos e subjetivos vão elaborar conclusões provisórias sobre a natureza do problema e da pessoa (com direito à sua intimidade e a autodeterminar-se) sobre a vontade (capacidade e potencialidade) para comprometer-se na resolução do problema – o diagnóstico. Diagnosticar é atribuir significado ao problema. Não implica que o técnico participe tudo quanto sabe e percebe, porque é penoso ou inútil para a pessoa que pede ajuda. (porque o individuo só reconhece alguns factos do problema).

A participação do indivíduo consiste em considerar fundamentalmente as ideias referentes aos factos, ideias que determinam o que se deve considerar e fazer.

Por vezes não é fácil através apenas da pessoa que pede apoio ter o conhecimento real da sua situação e, por isso, é necessário complementar os factos para proporcionar à mulher uma ajuda mais eficaz e recorre-se a fontes complementares de informação.

Quando é preciso recorrer a outros testemunhos ou documentos é necessário que a mulher participe, fazendo-lhe compreender e sentir que o objetivo é poder construir com ela uma ajuda mais efetiva.

Se a mulher não concorda com essa "busca" de informação o profissional não pode fazê-lo, mesmo que a pessoa desista da ajuda.

Mas não podemos esquecer que podem existir sentimentos ambivalentes e medo de enfrentar a mudança. A sua participação será maior ou menor consoante acredite ou não que vai conseguir o que deseja.

Só quando sabe (tem conhecimento) o que escolhe, ela pode decidir com liberdade colaborar com a Instituição, que respeita a sua auto -determinação.

O processo de ajuda implica também uma abordagem sistémica que não significa uma terapia familiar, mas implica ter em conta o contexto da Instituição, olhar a pessoa e a sua família "como competente", (Ausloss, G. 1996) considerar que são a família (mulher e filhos) e o seu meio que possuem a informação que vai permitir encontrar a solução.

Esta abordagem exige que se acredite nas mulheres nas suas capacidades de mudança e de evolução. É necessário fazer emergir potencialidades inesperadas e acreditar que o sentido da vida se mostra continuamente renovado. É nesta dialética mulher, enquadramento social e Instituição que está o caminhar progressivo para a (re) integração social.

O processo leva tempo. É necessário refletir sobre o tempo, porque uma pessoa precisa de tempo para experimentar mudar. (Ausloos, G 1996)

E o tempo necessário para experimentar a mudança e consegui-la depende de cada pessoa e respeitar esse tempo é fundamental para o sucesso da ajuda para a integração social.

Apesar de o Lar ser uma residência temporária não existe tempo definido, de permanência, pois depende da avaliação de cada mulher, do tempo que ela precisa para se reorganizar, e da possibilidade de encontrar quarto com preço compatível com a remuneração auferida, mesmo nas situações em que já estão no mundo laboral.

O Lar existe desde o ano de 1969.

Na sequência do Trabalho de Rua (1967) e do Centro de Atendimento começaram a surgir pedidos de raparigas para a mudança da sua situação, para encontrarem uma alternativa à prostituição. Era necessário encontrar um espaço onde pudessem residir para cortar com o circuito de exploração do sistema prostitucional. O edifício onde está situado o Lar é propriedade da Câmara Municipal de Lisboa (CML). O Lar é a residência temporária de jovens e de mulheres que estão motivadas para uma situação de mudança, que numa fase de transição não têm onde habitar.

Nas instalações do lar (porque não temos outro espaço) funciona:
- Uma Cantina
- Serviços de apoio
- Pronto a Vestir social

Pagam mensalmente 25 € pelo quarto e 70 cêntimos por refeição. Esta comparticipação tem um valor simbólico. É proporcional ao subsídio de trabalho que recebem na oficina, mas tem fundamentalmente um objetivo pedagógico – a consciencialização das estagiárias1 para os seus direitos e deveres. **A equipa educativa é constituída por uma coordenadora (assistente social) e três monitoras (psicóloga social, técnica de reabilitação e inserção e técnica de educação sócio-profissional**) faz o acompanhamento psicossocial das estagiárias que envolve:

- o estudo - recolha de dados
- o diagnóstico – reflexão sobre os factos e organização dos mesmos para formular uma explicação significativa.
- o tratamento ou ação construtiva – a obtenção de conclusões acerca de como e que ação se deve empreender em relação ao problema
- a avaliação
- o prognóstico

O acompanhamento social envolve também a intervenção do grupo em programas de atividades para que as mulheres possam estabelecer relações entre elas e com outras pessoas para facultar oportunidades de "crescimento" de acordo com as suas necessidades e capacidades com a finalidade de desenvolvimento individual e do grupo. Estabelecemos uma relação de ajuda que consiste em "tentar compreender o outro, do ponto de vista do outro" (Rogers C. 1983) e o ponto de vista do outro só pode ser apreendido facilitando-lhe a comunicação.

"Entendo por esta expressão (relações de ajuda) as relações nas quais uma das partes procura promover na outra o crescimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida" (Rogers C. 1983).

A ajuda individualizada consiste em propiciar às mulheres condições para se bastarem a si próprias e isto só se consegue pela tomada de consciência dos próprios problemas, dos próprios recursos e possibilidades tanto a nível material como a nível psicológico e social. E esta tomada

1 A terminologia é integradora. Um estágio é um período de tempo em que se aprende coisas novas. Por isso designa-se por estágio o tempo de permanência no lar e oficinas, porque existe uma situação real de mudança. Também é uma forma de promover a igualdade, isto é, pessoas que se sentem marginalizadas passam a sentir-se iguais e entre iguais.

de consciência só é possível através do diálogo, da comunicação e da capacidade dos técnicos de saberem:

- Ouvir (escutar)
- compreender
- aceitar a mulher como pessoa única e singular
numa relação em que têm uma atitude
- não diretiva ou semi-diretiva
- em que se parte do ponto de vista do outro
- em que se respeita o ritmo da própria mulher – sempre e em permanente acolhimento do que é expresso pela mulher (autodeterminação).

As jovens e mulheres quando pedem apoio desejam ser reconhecidas e acolhidas onde estão, como são, com os seus problemas, os seus conflitos, as suas revoltas e se tivermos uma relação profissional de ajuda tornam-se capazes de assumir progressivamente a sua própria vida.

A ajuda situa-se "no agora e no aqui" da comunicação da pessoa, porque são as primeiras comunicações o ponto de partida da primeira entrevista, mesmo que o que a mulher expresse não seja o seu problema principal.

A atitude de acolhimento obriga a dar e centrar a atenção na mulher em relação com o seu problema ou dificuldade e não apenas no problema ou na pessoa. Ela pede ajuda, porque tem um problema que não sabe como resolver e que pode condicionar o seu comportamento.

A nossa forma de agir não é julgar, nem condenar (senão não somos profissionais), mas sim de compreender e acreditar nas capacidades e potencialidades que todos os seres humanos têm para a realização e de serem reconhecidos no seu valor pessoal. É numa relação igualitária que a intervenção se desenvolve. As mulheres que acompanhamos são apenas diferentes de nós pela condição social em que se encontram, pelo seu percurso de vida e qualquer um de nós poderia estar em circunstâncias semelhantes, ter os mesmos problemas ter os mesmos comportamentos se as nossas condições de vida tivessem sido semelhantes à das pessoas com quem trabalhamos.

O problema do quotidiano no lar reside "no que há para fazer e como fazê-lo". A equipa técnica tem que ter conhecimentos que a capacitem para compreender a natureza dos problemas e das mulheres e da Instituição na sua interação recíproca, uma ética profissional e uma intenção e aptidão para ajudar.

De acordo com Helen Harris Perlman, o trabalho social individualizado é um processo utilizado por algumas instituições com o objetivo de fomentar o bem-estar público e onde um trabalhador social ajuda o indivíduo a enfrentar com mais eficácia os seus problemas de adaptação social. Esta definição abrange quatro elementos essenciais do estudo social individualizado nas suas relações recíprocas:

. uma pessoa que tem um problema recorre a;
. um lugar onde;
. um profissional encarregado desta tarefa a atende e procura ajudá-la mediante;
. um processo determinado.

O lar funciona como uma residência temporária de mulheres, em fase de reinserção, que não têm alternativas habitacionais.

Faz:

- Acolhimento.
- Acompanhamento psicossocial.
- Formação pessoal.
- Reuniões de grupo.
- Orientação para o conhecimento dos diferentes recursos da comunidade e utilização adequada dos mesmos.
- Estágios na cozinha.
- Atividades culturais.
- Férias no Verão e de acordo com as preferências das estagiárias idas em grupo á praia, piscina, passeios etc.
- A passagem de ano (véspera e dia), a Páscoa os aniversários das estagiárias e o Natal (véspera e dia) num ambiente familiar.

- No Lar funciona uma cantina, serviços de apoio, e pronto-a-vestir social.

- O Lar funciona das 9h da manhã às 23 h, feriados, fins-de-semana, Páscoa, Natal e Ano Novo. (com a presença de técnicos). Entre as 23h e as 9h as residentes ficam responsáveis pelo espaço e não é permitida a entrada de elementos do exterior.
- O objetivo deste horário é fazer do Lar um espaço aberto para o convívio e para a participação, quebrando o isolamento em que muitas mulheres se encontram, funcionando como um sistema familiar. A equipa técnica do lar faz o acompanhamento psicossocial das estagiárias, das mulheres que não estão no lar e que já estão integradas no mercado de trabalho e também daquelas que frequentam cursos de formação profissional: um processo dinâmico de iniciação nas trajetórias de inserção que exige capacidade por parte dos técnicos de estabelecer uma relação profissional com o objetivo de mobilizar as capacidades e potencialidades de cada mulher e os recursos da comunidade (empowerment) apropriados a ajudá-la a enfrentar com maior eficácia os seus problemas internos e de adaptação social.
- Integra-se também no acompanhamento, visitas domiciliárias, que dão a possibilidade de ver a situação habitacional, compreender as condições em que vivem e quais as dificuldades com que se debatem...

- De um modo geral, a mulher prostituída faz um corte com a família de origem, porque lhe oculta a vida que faz. Quando está no Ninho (lar e /ou oficinas) procura reatar os laços com a família, porque se sente numa situação de mudança.
- É frequente, as raparigas solicitarem o apoio e o acompanhamento dos técnicos na realização dos primeiros contactos. Dá-lhes segurança e podem dizer que trabalham connosco, o que corresponde à sua atual realidade.
- A "vida" anterior era outra e na eventualidade de uma visita inventavam um trabalho que não correspondia à sua verdadeira situação. A nossa presença faz reforçar perante ela própria o trabalho real que tem, repondo a verdade a si mesma e à sua família.

- Promovemos atividades culturais que proporcionam e despertam as estagiárias para novas experiências e realidades, ajudando-as a conhecer, compreender, refletir, questionar novos conhecimentos aos quais não tinham tido acesso.
- Na prostituição ganha-se ao dia e gasta-se ao dia (a pensão é paga ao dia, a ama dos filhos é paga ao dia, a refeição, o chulo...) e numa situação de mudança tem que aprender a gerir o dinheiro. Agora e no futuro têm que distribuir o que ganham por um período mais longo – um mês
- As técnicas ajudam na gestão do dinheiro estabelecendo com elas as prioridades dos gastos de acordo com as disponibilidades financeiras que têm agora.

- Com uma finalidade pedagógica o Lar e as oficinas funcionam em espaços diferentes para proporcionar uma situação semelhante às pessoas que trabalham, e com o mesmo objetivo o Lar tem uma Cantina.
- A Cantina é um lugar de aprendizagem sob a responsabilidade de uma monitora (**psicóloga social**) que ensina três estagiárias na confeção de refeições para as mulheres e seus filhos e equipa técnica do Lar.
- As mulheres que estão na cantina transitam da oficina consoante a avaliação do seu desempenho, e o estágio na Cantina é sentido como uma "promoção" na medida em que é considerado uma pré-formação profissional e consequentemente uma valorização pessoal.
- O facto de fazerem as refeições para os técnicos e colegas é fator de reconhecimento das suas capacidades.

Constitui um reforço na aquisição de competências. Participam na compra dos géneros alimentares, na elaboração das ementas, na conservação e aproveitamento dos alimentos.

As Oficinas

As Oficinas têm por objetivo promover a transição do meio prostitucional para o mundo do trabalho de mulheres prostituídas através da aprendizagem e do treino ao trabalho. Procura desenvolver as capacidades e potencialidades das estagiárias.2

As oficinas surgiram da necessidade de ocupar as raparigas que estavam no Lar. Começaram por um pequeno atelier de pronto-a-vestir, em 1971, que funcionava nas instalações do lar. O espaço de que se dispunha era insuficiente, mas a falta de verba não permitia o aluguer de uma casa.

A necessidade de transferir a oficina para um local exterior ao Lar era reconhecida por todos os elementos da equipa educativa, porque proporciona a separação de dois aspetos da vida real: o aspeto familiar e a vertente profissional, equiparando as estagiárias ao comum das pessoas que têm que deixar a sua casa para se deslocarem ao local de trabalho.

Em 1972 uma amiga de O Ninho comprometeu-se a assumir o pagamento de uma casa na Av. Almirante Reis.

Nessa altura, não havia um programa de ação concreto e definido, mas com o aumento do número de estagiárias, a experiência foi ensinando que era necessário um aproveitamento mais intenso e global do período de estágio: cumprimento de horários, exigência de assiduidade, rentabilidade, espírito de grupo, progressiva aquisição de competências sociais.

A oficina passou a ser considerada como um meio de transição entre a vida de prostituição e a integração no mundo do trabalho – aprendizagem e o treino ao trabalho são um meio de inserção e participação social, com um horário das 9h às 12.30 e das 14h às 17.30

As estagiárias passaram a auferir um subsídio de trabalho com o objetivo pedagógico de interiorização de direitos e de deveres, de responsabilização progressiva... e segue-se a lei geral do trabalho, as faltas são justificadas, quando apresentam documentos comprovativos e de acordo com a legislação em vigor, e são injustificadas, quando não existe esse documento.

As estagiárias estão divididas em grupos de trabalho orientadas por uma monitora, o que possibilita a expressão dos seus problemas, das suas dúvidas, das suas aspirações. É normalmente na oficina que as mulheres falam dos seus problemas do dia-a-dia, da sua vida pessoal e onde se projeta uma dinâmica coletiva que leva à evolução do grupo como um todo.

A experiência tem ensinado que para fazer a promoção individual é necessário fazer a promoção do grupo e que não é possível a promoção do grupo sem a promoção individual, isto é, a educação, a reeducação e a promoção devem ser simultaneamente individualizada e em grupo. A partir das jovens e das mulheres levando-as a ajudarem-se a si próprias, dentro do grupo, numa interação dinâmica do sistema grupal. Fazer circular a informação correta e adequada é uma forma de resolução dos seus próprios problemas. Adquirem um conhecimento mais justo de si próprio e dos outros. O subsídio de trabalho das estagiárias é de € 360 (ano de 2012), subsídio que temos consciência ser claramente insuficiente para as estagiárias fazerem face à sua subsistência, mas como já foi referido tem uma função pedagógica e com o mesmo objetivo o produto das vendas do artesanato, deduzido o custo do material, é dividido pelos membros do grupo numa escala percentual após uma reunião mensal de avaliação com os seguintes indicadores:

---

2 A terminologia é integradora. Um estágio é um período de tempo em que se aprende coisas novas. Por isso designa-se por estágio o tempo de permanência no lar e oficinas, porque existe uma situação real de mudança. Também é uma forma de promover a igualdade, isto é, pessoas que se sentem marginalizadas passam a sentir-se iguais e entre iguais.

- assiduidade
- interesse demonstrado pelo trabalho
- esforço revelado na aprendizagem
- cooperação e atitudes construtivas
- capacidade produtiva
- rentabilidade

Esta avaliação é feita com a participação das monitoras e das estagiárias que se auto-avaliam e avaliam as colegas, ajuda à aquisição de atitudes positivas, de capacidade crítica construtiva em relação a si próprias e em relação aos outros. Simultaneamente constitui um incentivo na medida em que quanto mais produzirem mais dinheiro recebem. A escala é de 0 a 100%. Demonstram ser pessoas muito justas, sabendo fazer uma análise positiva e incentivadora para a mudança. Sintetizam os factores referidos em dois grandes eixos: comportamento e produtividade.

A concretização dos objetivos pedagógicos implica diálogos e entrevistas individualizadas orientadas para o auto-expressão e reflexão sobre a sua vida passada e o período de mudança que se inicia. A auto-reflexão sobre o passado o momento presente e o futuro permite a potencialização progressiva da autodisciplina, da auto estima, da autoconfiança, do auto conceito e consequentemente da criação de expectativas positivas necessárias à sua afirmação pessoal e de autonomia. Os produtos confecionados nas oficinas; bonecas em pano, almofadas etc., são vendidos na própria oficina, em exposições em diversas escolas, sindicatos, Fórum Estudante e em muitos outros locais. Espaço de treino e aprendizagem ao trabalho onde as estagiárias (designa-se por estágio o tempo de permanência na Instituição) adquirem hábitos de trabalho e cooperação imprescindíveis para a sua integração no mundo laboral.

Cumpre-se a Lei Geral de Trabalho

- Paga-se um subsídio de trabalho mensal para as mulheres saberem gerir o seu dinheiro ao mês e não ao dia e também para tomarem consciência que têm direitos e deveres.
- Sempre que possível as mulheres são integradas em cursos de formação profissional promovidos por outras organizações, mas muitas das formações existentes não têm correspondência no mercado de trabalho.
- Faz-se uma reunião mensal de avaliação com a participação das estagiárias.
- O produto da venda do artesanato é distribuído pelas estagiárias mediante a avaliação efetuada pelas próprias e pela monitora.
- A venda é feita nas oficinas, em exposições, no quiosque de o Ninho, etc.

Formação profissional

Ao longo dos anos O Ninho tem incentivado as estagiárias que demonstram a aquisição de competências sociais, e com as habilitações exigidas 4ª classe, hoje 4º ano de escolaridade, tendo em conta os indicadores já referidos, para a frequência de cursos de formação profissional, promovidos por outras organizações.

Acontecia, porém, que os cursos ministrados não tinham correspondência no mercado de trabalho e após a sua finalização as formandas encontravam-se numa situação de desemprego com um diploma que não lhes dava entrada no mundo do trabalho. No entanto, constituía um reforço de aptidões sociais e de outras competências que tinham adquirido no decurso do estágio nas oficinas.

Tentámos fazer parcerias com Juntas de Freguesia porque conhecem as necessidades da população do meio envolvente e com a C.M.L.

A Junta de Freguesia de S. Jorge de Arroios implementou um curso de formação de ajudantes domiciliárias, que podemos afirmar foi um êxito, e que teve real correspondência no mercado de trabalho.

A C.M.L. promoveu um curso de formação profissional intitulado "A apanha da folha", e várias mulheres foram integradas e hoje são funcionárias da Câmara.

Em Abril de 2001 estabelecemos um Protocolo para a reinserção social com a C.M.L, que na cláusula 1ª diz expressamente: Através do presente protocolo o primeiro (CML) e o segundo (O Ninho) outorgantes conjugam esforços no sentido de colocar indivíduos, a indicar pelo segundo outorgante, em diversos serviços da Direção Municipal de Intervenção Local da CML, para a concretização de tarefas laborais específicas, com especial relevância, entre outras, na área da manutenção e conservação de áreas ajardinadas e espaços verdes da cidade de Lisboa. Este protocolo tem sido sucessivamente renovado e aprovado em sessão de Câmara por unanimidade.

Na cláusula oitava

Durante o período de vigência do presente protocolo os outorgantes fomentarão a formação profissional dos membros das equipas de trabalho. As equipas de trabalho são constituídas por 12 pessoas que procedem a tarefas definidas pela CML. No primeiro ano de vigência deste protocolo foi feita formação na Escola de Formação Profissional da CML e continuada em duas freguesias: freguesia de Marvila e de S. João. O Ninho disponibilizou um técnico a meio tempo para dar apoio psicossocial, porque tanto para o Ninho como para as mulheres era um trabalho inovador:

- é uma formação numa área de trabalho tradicionalmente desempenhada por homens
- é um trabalho duro, com várias vertentes que podiam constituir dificuldades e consequente desmotivação.
- é necessário compreender o ritmo de cada membro e incentivar para um desempenho responsável e uma produtividade progressiva.

- é uma situação em que é fundamental "cuidar" as atitudes, as interações com os cidadãos, porque é um local público.
- é um trabalho que exige uma progressiva autonomia e criatividade de modo a poderem no futuro "tratar" de um jardim sozinhas.

A avaliação feita em conjunto com a CML é muito positiva e como consequência desta formação estamos a estabelecer protocolos de integração social com Juntas de Freguesia

É o poder local a construir solidariedade, dando o seu contributo para a integração de jovens e de mulheres que precisam urgentemente que Outros acreditem nas suas capacidades e potencialidades, olhando-as como iguais, sujeitos de direitos e de cidadania.

Se o poder local for sensível à promoção de ações solidárias, conseguiremos que maior número de mulheres integre a formação dada pela CML em "técnicas de manutenção de jardins" e assim criar alternativas à profunda violência que é ser-se prostituída. Ajudam a pôr em prática os Direitos do Homem e à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A CML tem no seu quadro de pessoal vagas para jardineiros e temos a promessa política da integração de mulheres deste protocolo nos seus quadros em vez de os jardins, com exceção dos jardins históricos, serem entregues a empresas privadas.

A escolha do trabalho como elemento decisivo de integração social faz parte da filosofia de intervenção de O Ninho e da defesa da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. A mulher prostituída sofreu, vários condicionalismos no seu percurso de vida e um dos fatores que pode ser precipitador para o recrutamento para a prática de prostituição é o desemprego. O desemprego desvaloriza as pessoas, isola-as, fragiliza-as. **O trabalho é um fator de integração e de socialização e propicia independência para fazer face à subsistência, ao mesmo tempo que ajuda a reorganizar a auto estima, porque se sentem úteis e valorizadas. Ajuda a criar redes relacionais e a participar na vida social. É uma vertente da cidadania.**

A Oficina situa-se num local exterior ao Lar (residência) com um objetivo específico de pedagogia e como forma de promover a igualdade.

"*Eu trabalho, eu saio da minha casa para me dirigir ao meu local de trabalho. Percorro a distância necessária para chegar a horas e cumprir as minhas tarefas*" .

É uma forma de saber gerir o tempo e os espaços. Na prostituição não há horas e a gestão do tempo é apenas o tempo de uma "visita" tempo da prática sexual) que pode ser de 10 ou 15 minutos ou uma noite, consoante a vontade do cliente e o preço estabelecido.

Por isso acordar a horas para se arranjar, tratar dos filhos e ir pô-los às estruturas adequadas, apanhar transporte e chegar pontualmente ao local de trabalho exige esta separação dos espaços... e simultaneamente faz integrar espaços diferenciados. No local de

trabalho temos que “saber estar” e saber cumprir, saber relacionar-se de uma forma construtiva com as outras pessoas, saber ouvir as orientações que nos são dadas... para a interiorização das normas estabelecidas.

Como na prostituição é tudo pago ao dia e gasto ao dia, na oficina paga-se o subsídio de trabalho por cheque e ao mês. Tem dois objetivos: saber gerir o dinheiro durante um mês e o pagamento por cheque é um fator que faz parte da aquisição de competências e é integrador. Muitas mulheres (a maior parte) não têm conta bancária e não sabem como proceder numa Instituição Bancária.

Durante vários anos, o Ministério da Educação, destacou uma professora do ensino básico para ministrar a alfabetização das estagiárias. Muitas não sabem ler e escrever e as que têm um diploma sofrem de analfabetismo funcional ou regressivo.

Era um espaço aberto para a vida. Aprender a ler e a escrever é ficar livre. É ver tudo com outros olhos. É descobrir o Outro e a si própria. É gostar mais do Eu, é acreditar que se é capaz, que se ganha força. É começar a saber comunicar de outra forma. É construir um futuro. É adquirir um diploma de uma educação formal mínima, mas que lhe dá acesso a outros mundos.

Funcionava nas Oficinas e integrava-se no horário de trabalho.

Mas o Ministério da Educação não compreendeu a importância desta necessidade indispensável para a reinserção social, e a partir de 1998 informou telefonicamente que não era possível continuar a destacar uma professora e que poderíamos recorrer aos cursos de alfabetização ministrados por outras organizações. Acontece, porém, que estes cursos são realizados em horário pós-laboral, o que é compreensível, mas esquecem-se que não existem estruturas de apoio às crianças que permita que estas mulheres, a maioria com filhos pequenos, possam frequentar esses cursos.

Por isso **a monitora das Oficinas** começou a ensinar as jovens e mulheres a ler e a escrever todas as sextas-feiras e revelou-se uma “professora excelente”. Frequentam as Oficinas mulheres estrangeiras que não sabem falar português e o ensino da nossa língua é também de importância vital.

As estagiárias têm pouca instrução formal e não têm qualificação profissional. Quase todas tiveram uma infância e parte da adolescência (muitas foram prostituídas ainda meninas) caracterizadas por carências afetivas, económicas e sociais graves o que condiciona fortemente a sua vida adulta.

Mas apesar dos condicionalismos e das dificuldades de adaptação a nossa experiência tem demonstrado que as mulheres adquirem capacidade de trabalho e tornam-se tão responsáveis como qualquer outra pessoa, porque temos uma pedagogia adequada e potencializadora da dignidade inerente a todo o ser humano.

A ausência de estruturas de acolhimento e de apoio que possibilitem às mulheres prostituídas condições de trabalho, instrução formal e formação profissional, leva a que muitas mulheres se mantenham no mercado da prostituição.

A crise de emprego, o insuficiente nível de instrução e de formação profissional com real correspondência no mercado de trabalho, dificultam o ingresso das estagiárias no mundo do trabalho.

O ambiente competitivo deste mercado, o medo do reconhecimento como mulheres que foram prostituídas, provoca insegurança e consequentemente receio de enfrentar este meio, muitas vezes, hostil.

O ambiente de trabalho na Oficina proporciona-lhes autoconfiança, aceitação, respeito, que são postos em causa no momento de ingresso no mercado de trabalho.

Por mais segura de que esteja, a estagiária, manifesta insegurança e ressurgem sentimentos de receio para enfrentar o novo trabalho num ambiente muitas vezes de competitividade e o medo do reconhecimento como ex-prostituída está sempre presente.3 Por isso optámos por numa primeira fase, a saída da Oficina ser para uma experiência de trabalho, para a mulher compreender que adquiriu realmente competências para um bom desempenho profissional, e que poderá voltar às Oficinas de O Ninho se a experiência não resultar.

Esta estratégia tem tido resultados positivos, retira grande parte da "ansiedade" e incute-lhes confiança suficiente para enfrentar eventuais hostilidades, porque ela sente que não a abandonamos.

As parcerias de formação profissional referenciadas têm demonstrado serem de real eficácia para o reforço das suas competências.

Nesta nova fase é fundamental oferecer apoio permanente, reforçar autoconfiança, reforçar as suas potencialidades e capacidades de modo a ultrapassarem a insegurança que as fragiliza.

Por isso temos um serviço de acompanhamento às antigas estagiárias, que é o **Serviço de Seguida:** Faz o acompanhamento social das antigas estagiárias. Ajuda-as a resolver problemas que surgem na sua vida familiar e profissional.

Parcerias para Formação Profissional

- No ano de 2001, deu-se início a um programa de formação para doze mulheres, em "técnicas de manutenção de jardins, com a duração de um ano – Abril de 2001 a Abril de 2002 – através de um protocolo celebrado entre a C. M. L. e o Ninho e que foi renovado pelo atual executivo.

---

3 É comum, quando estão a trabalhar, por exemplo, num restaurante, se entrar um cliente /prostituidor e se reconhecer a mulher dizer ao patrão ou aos colegas que ela foi prostituta. E, o ambiente em relação a ela altera-se drasticamente: deixou de ser uma mulher "séria" e uma boa trabalhadora para ser rejeitada ou despedida porque teve um passado de prostituta.

- A Instituição estabelece parcerias com outras estruturas, nomeadamente com Juntas de Freguesia, não só para formação profissional, mas também para outras ações como por exemplo alfabetização.

6. Outros Serviços importantes

A Informação e a Sensibilização da População

"A Prostituição de mulheres e de crianças é uma forma de escravatura incompatível com a dignidade da pessoa humana e com os seus direitos fundamentais".

O **Serviço de Informação** informa a população em geral da problemática da prostituição, suas causas e consequências. Combate a mentalidade vigente face à prostituição. Denuncia as desigualdades de oportunidades e injustiças sociais que se encontram nas causas da prostituição. Sensibilizar os poderes Públicos de modo a empenhá-los e comprometê-los na tomada de medidas concretas que permitam o desaparecimento da prostituição como problema social.

Para alcançar estes objetivos:

- Recolhe, organiza e sistematiza toda a informação que permita um aprofundar da problemática assim como os conhecimentos adquiridos pela experiência profissional direta.
- Promove e dá resposta às solicitações para participar em encontros, debates, colóquios, sessões de informação junto de escolas, autarquias, sindicatos paróquias, grupos organizados etc. a nível nacional e internacional.
- Apoia e orienta estágios e a elaboração de trabalhos realizados por alunos do ensino secundário e superior.
- Elabora documentação para facultar ás pessoas interessadas, estudantes, técnicos etc., nesta problemática e no trabalho de O Ninho.
- Sistematiza a informação disponível através da Internet acerca da problemática.
- Participa em debates promovidos pelos diversos órgãos de comunicação social.
- Ajuda a criar instituições com as mesmas convicções e pedagogia.

Apoio Jurídico

O Ninho dá apoio jurídico às mulheres prostituídas, nas mais diversas áreas.

Não à Legalização da Prostituição!

Legalizar a prostituição é conceder ao homem um poder legítimo de comprar o sexo a outros seres humanos. Legitima-se a prostituição como um sistema de dominação pela normalização da mercantilização dos sexos e dos corpos. Nesta lógica centrar-se apenas no combate ao

tráfico de mulheres legalizando a prostituição é não compreender que o proxenetismo é inerente à prostituição e não se pode pensar na prostituição como um acto individual de uma pessoa que aluga o seu sexo por dinheiro, mas sim como um sistema económico, social e politico que torna crianças, jovens, mulheres e homens prisioneiros de um sistema cruel de exploração sem limites. É necessário combater as causas da prostituição e o tráfico senão, permitam-nos a analogia, é como deixar de lutar contra a escravatura e o sistema esclavagista para lutar apenas contra o tráfico de escravos.

Declaração Universal dos Direitos do Homem

Artigo Primeiro

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.

Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para os outros em espírito de fraternidade.

Artigo Quarto

Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas são proibidos.

Artigo Quinto

Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

Artigo Sétimo

Todos são iguais perante a lei, têm direito a protecção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

A ONU na Convenção para a Supressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Outrem (1949) ratificada por Portugal, em 1991, considera, no Preâmbulo, que a prostituição e o mal que a acompanha, a saber, o tráfico de pessoas com vista à prostituição, são incompatíveis com a dignidade e o valor da pessoa humana e põem em perigo o bem-estar do indivíduo, da família e da comunidade.

O Ninho não se contenta apenas a “tomar posição”. Tem uma acção coerente e constante. E tem também grande atenção ao estado real da sociedade, assim como ao peso das ideias e dos costumes tradicionais. É impossível construir uma sociedade humana livre sem nela integrar a humanidade plena da mulher, porque pela relação entre o homem e a mulher se pode avaliar todo o nível da civilização humana. A pedagogia da mudança de mentalidades – do homem e da mulher – a luta pela mudança de comportamentos é um elemento indispensável no processo de emancipação da mulher.

A prostituição é o triunfo das desigualdades, com as mulheres a pagarem a parcela mais alta, onde permanece como o estigma do estatuto da mulher. É uma prática quotidiana da discriminação, do peso das tradições, dos preconceitos, da cultura, dos papéis historicamente atribuídos.

Lutamos por uma pedagogia da igualdade, por novos valores, por novas referências culturais, pela mudança de comportamentos e mentalidades, por novos relacionamentos entre seres humanos. É nessa base que a luta pela mudança de mentalidades e de comportamentos se integra na luta pela emancipação social. A liberdade de cada um é a condição da liberdade para todos. Isto é, uma sociedade em que ninguém seja instrumento de um outro.

O Ninho

"É uma Associação espantosa que tem a porta aberta para acolher as mulheres que precisam de ajuda, nos caminhos da rua que percorrem constantemente. Os companheiros também podem bater à porta. Podem entrar há sempre alguém que escuta, compreende, respeita e descobrem caminhos ainda não andados e que são salvadores.

(Padre Vítor Feytor Pinto.

Bibliografia

Ahmed, Rashid (2002) Jihad, Ascensão do Islão Militante na Ásia Central, Terrramar.

Ausloos, Guy (1996), A Competência das Famílias – tempo, caos, processo, Lisboa, Climepsi Editores.

Brilhante, Miguel (2000), As Representações Sociais do Repatriado, Lisboa, Editora Salamandra, Lda.

Rogers, Carl (1983), Tornar-se Pesssoa, Lisboa, Moraes Editora

Le Monde Diplomatique, 2001 Novembro.

Marginalidades, 2001, Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica.

Varzim, Abel (2002) Procissão dos Passos, Lisboa, Forum Abel Varzim - Desenvolvimento e Solidariedade, Multinova.